

12/29/11

JOÃO E MARIA

Adaptação livre do Teatro Armação sobre um conto dos Irmãos Grimm.

Personagens:                    Lenhador  
                                     Sua Mulher  
                                     João  
                                     Maria / Seus filhos  
                                     Noite  
                                     Lua  
                                     Bruxa  
                                     Pato  
                                     Pássaro  
                                     Seres Elementais

Cenário:

Clareira a beira de uma grande floresta. Uma casinha de um só cômodo com fogão de barro, mesa, 3 bancos (um grande e dois pequenos) utensílios vários, uma cama do casal, uma cortina que, fechada, separa o casal das crianças que dormem no chão à frente. No lado de fora da porta uma bacia e um pano pendurado onde se lavam e se secam. Um forno e um varal onde no início estão estendidas as roupas da família.

(Mãe dentro de casa amassando o pão sobre a mesa. Ouve-se o alarido das crianças atrás da casa. Aparecem João e Maria. Maria corre à frente).

JOÃO            - Me dá, Maria!  
MARIA           - Não dô.  
JOÃO            - Me dá, Maria. Me dá a minha pedrinha.  
MARIA           - Ai mãe! Olha o João aqui. (Entram casa a dentro. Maria passa por trás da mãe, tentando proteger-se de João).  
JOÃO            - Mãe, olha a Maria. Ela não quer me dar a minha pedrinha. Foi o pai que me deu.  
MÃE             - Parem com isso! Parem! Vão brincar lá fora. (Saem para fora. Continuam no "me dá a não dô", até que João derruba Maria e segura seu pé. Maria atira a pedrinha para o alto e apara-a).

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-  
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO  
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO  
REPRESENTANTE NO R. G. SUL



- MARIA - Olha aqui ó! Olha a tua pedrinha.
- JOÃO - Me dá, Maria. (Segurando o pé de Maria) Ah é? Então eu também não te dou o teu pé.
- MARIA - Ah não! Me dá o meu pé.
- JOÃO - Primeiro me dá a minha pedrinha.
- MARIA - Não; primeiro me dá o meu pé.
- MÃE - (À porta) Vamos pará com esse retôço?! Maria, tu já varreu o pátio que eu mandei?
- MARIA - Já vou varrer mãe.
- MÃE - João, vai trazer mais graveto pro forno. (Mãe entra. João estende a mão e Maria coloca a pedrinha. Maria pega uma vassoura e começa a varrer. João entra em casa para guardar a pedrinha. Ao sair olha a mesa onde a mãe amassa o pão).
- JOÃO - Eu tô com fome mãe!
- MÃE - Tu já botou os gravetos no forno? (Ele responde negativamente com a cabeça) Então vai botar, vai. (João sai. Mãe leva o pão ao forno, lava as mãos e vai recolher as roupas do varal. Maria larga a vassoura e vem ajudá-la. Ajoelha-se e estende os braços).
- MARIA - Mãe?
- MÃE - O que é?
- MARIA - Tá ouvindo?
- MÃE - O quê?
- MARIA - O ronco.
- MÃE - Que ronco Maria?
- MARIA - Da minha barriga.
- MÃE - Pára quietinha, senão a roupa cai no chão e fica suja.
- MARIA - Eu tô com fome mãe.
- JOÃO - Eu também tô com fome.
- MÃE - Eu sei mas... Daqui a pouco quando o pai chegar a gente vai comer (entra em casa).
- JOÃO - Então vamos chamar o pai?
- MARIA - Vamos! (Correm para dentro da casa, entram para baixo da mesa e batem três vezes chamando) - Vem pai! Vem pai! Vem pai!
- MÃE - Vão brincar lá fora, vão! (João e Maria saem para fora).
- MARIA - Oh!
- JOÃO - O que é?
- MARIA - Roncou de novo.





- JOÃO - Deixa eu vê. (João ouve a barriga de Maria e ri muito. Tenta ouvir sua própria barriga).
- MARIA - Eu, eu, eu João. Deixa eu ouvir a tua barriga. (João levanta a camisa).
- MARIA - (Descobrendo as costelas de João) João! Olha aqui. Uma... três, quatro...
- JOÃO - Não Maria; é assim ó: Uma, duas, três, quatro... (Maria começa a fazer-lhe cócegas; João revida e faz nela até derrubá-la. Maria, rindo e tentando safar-se, rola no chão até que aponta para o alto)
- MARIA - Olha lá! A primeira estrela.
- JOÃO - Quando aparecer a terceira o pai chega.
- MARIA - Olha lá a outra.
- JOÃO - Vamos escutar o pai chegar?
- MARIA - Vamos!
- JOÃO - Não faz barulho Maria, senão a gente não ouve. (Encostam o ouvido ao chão. Ao longe ouve-se a voz do pai que canta).

De manhã, o sol dormindo está  
 Vou trabalhar.  
 Há lenha a cortar  
 No fundo da mata  
 Até cansar  
 Só volto p'ra casa  
 Quando a terceira estrela  
 No céu já está  
 Para casa nada trago  
 Para os filhos alimentar  
 São bocas pedindo  
 São vidas a sustentar  
 E corto lenha  
 Sou João Lenhador  
 E corto lenha  
 Sem nada ganhar  
 Até cansar.

- JOÃO - Eu tô ouvindo o pai.
- MARIA - Eu também tô ouvindo.  
 (O lenhador aparece do fundo da floresta e aproxima-se das crianças).
- JOÃO - Olha o pai!
- MARIA - Olá pai!



- LENHADOR - Ó meus filhos.
- JOÃO - Nós estamos te esperando pai.
- MARIA - Vamos trocar a água pro pai se lavar?
- JOÃO - Vamos.  
(Correm em direção à bacia. Maria despeja a água e João tira água do poço. Lenhador entra em casa).
- MÃE - Como foi o dia?
- LENHADOR - Foi duro; não consegui nada. (Larga o bernal e tira a camisa. Dirige-se à bacia para lavar-se).
- JOÃO - Onde é que tu foi hoje pai?
- LENHADOR - Lá no mato grande.
- JOÃO - Cortou muita lenha?
- LENHADOR - Bastante.
- MARIA - Tá muito cansado pai?
- LENHADOR - Tô.
- JOÃO - Então senta pra gente te tirar as botas.
- MARIA - Eu vou buscar os tamancos.  
(Lenhador senta-se. João desamarra os cordões. Chega Maria com os tamancos. Eles puxam as botas do pai com toda a força, quase derrubando-o. Ele sorri. A mulher chega à porta e observa).
- LENHADOR - Desse jeito vocês me derrubam. (Para a mulher) A janta tá pronta?
- MÃE - (Para as crianças) Vão se lavar, eu vou botar a sopa na mesa. (João e Maria lavam-se. À mesa: Mãe à esquerda, João, Maria e pai à direita. Pai serve. Comem. Maria come rápida e ruidosamente, a comida está muito quente).
- LENHADOR - Come devagar Mariazinha, tu vai te afogar.
- MARIA - É que eu tô com fome pai.
- JOÃO - Quero mais pai.
- MARIA - Eu também.
- MÃE - Não tem mais.
- LENHADOR - Foi só isso que a mãe fez hoje.
- JOÃO - Então eu quero pão.
- MARIA - Eu também.
- MÃE - O pão é pro café amanhã.
- LENHADOR - Dá teu prato Joãozinho. (Serve da própria sopa) O teu, Mariazinha. (A Mãe levanta-se, vai até o forno e tráz o pão. Coloca-o sobre a mesa. Todos olham).
- LENHADOR - Vão dormir.
- JOÃO - Boa noite pai, boa noite mãe.





- MARIA - Boa noite.
- MÃE - Boa noite.
- LENHADOR - Boa noite, durmam bem.  
(As crianças arrumam sua cama no chão).
- MÃE - A farinha acabou. É o último pão. Não temos mais nada pra dar para as crianças comer.
- LENHADOR - Eu não conseguí nada. A situação tá difícil.
- MARIA - A minha boneca tá com fome.
- JOÃO - Não tem mais comida.
- MÃE - São quatro bocas para alimentar. Se ao menos fossem duas.
- LENHADOR - Que que tu quer dizer com isso?
- MÃE - Fecha a porta que eu vou levar o lampião.  
(Lenhador fecha a porta. Mulher pega o lampião e estende um pano que separa os dois ambientes. O diálogo a seguir será feito atrás do pano com som bras).
- MÃE - Aqui nós quatro morreremos de fome.
- LENHADOR - Nunca pensei que fosse chegar ao ponto de não poder sustentar a minha família. Eu penso, penso e não sei o que fazer.
- MÃE - Mas eu sei.
- LENHADOR - Então te explica, mulher.
- MÃE - A gente tem que tirar as crianças daqui.
- LENHADOR - E levar pra onde?
- MÃE - Amanhã bem cedo a gente reparte o pão, leva eles pro fundo da floresta e deixa eles lá.
- LENHADOR - Tá louca, mulher; isso eu não faço. Tem que ter outro jeito.
- MÃE - Que jeito? Tu prefere vê eles morrerem de fome?
- LENHADOR - Lá na floresta eles vão ser comidos pelos bichos.
- MÃE - E tu queres bicho pior que a fome?
- LENHADOR - Mas isso é horrível.
- MÃE - Eles aprendem a se defender.
- LENHADOR - E essa é a única solução?
- MÃE - É. Amanhã cedo a gente reparte o pão, leva eles pro fundo da floresta e deixa eles lá. Vamos dormir.
- LENHADOR - É. É melhor dormir.
- JOÃO - Maria, não chora.
- MARIA - Eu tenho medo.
- JOÃO - Não chora, Maria, não chora.
- MARIA - O que é que nós vamos fazer?



- JOÃO - Não sei. Mas a gente dá um jeito.
- MARIA - Eu não quero ir.
- JOÃO - Eu também não quero. Espera aqui, Maria; eu vou lá fora e já volto.
- MARIA - O que tu vai fazer?
- JOÃO - Espera. Tu vai ver depois. Cuida pra eles não ve-rem. (Sai)
- MARIA - (Para a boneca) Não chora viu? Não chora. Não cho-  
ra.  
(João vai até a rua e colhe pedrinhas).
- JOÃO - Amanhã a gente faz tudo o que eles mandarem. A gen-  
te vai mas volta. (Dormem)  
(De manhã bem cedo. A mãe abre a cortina e chama  
as crianças).
- MÃE - Acordem crianças, tá na hora.
- LENHADOR - Hoje nós vamos cortar lenha na floresta.
- JOÃO - Mas a gente precisa ir junto?
- MÃE - Ué! Mas vocês estão sempre pedindo para ir na flo-  
resta!
- JOÃO - Eu posso ficar ajudando a mãe.
- LENHADOR - Hoje vamos todos pra floresta.
- MÃE - Eu vou repartir o pão pra nós. (A mãe corta o pão  
e dá um pedaço para cada um). Vem pegar o pão. To-  
ma Maria. (João leva o pão à boca) Não come agora.  
Esse é o último pedaço, deixa pra comer depois, se-  
não tu vai sentir fome.  
(Maria guarda os dois pedaços de pão no bolso. A  
mãe sai).
- LENHADOR - Passa Maria, passa João. (Saem. O pai fecha a por-  
ta e começam a caminhada. João vai ficando para  
trás e atira as pedrinhas no chão para marcar o  
caminho. Pai, notando que ele está ficando para  
trás):
- LENHADOR - Porque tu olha tanto pra trás, Joãozinho. Anda lo-  
go pra gente não se atrasar.
- JOÃO - Eu tô olhando pro meu gatinho pai. Ele tá lá em  
cima do telhado e quer me dizer adeus.
- MÃE - Deixa de ser bobo Joãozinho. Aquilo não é o teuga-  
tinho. Não vê que é o sol da manhã batendo no te-  
lhado?  
(Continuam a caminhada até chegarem a uma clareira  
no meio da floresta).
- MÃE - Acho que aqui tá bom.





- LENHADOR - João, vai pegar uns gravetos para fazer fogo.
- MÃE - Ajuda o teu irmão, Maria.  
(Pai prepara a fogueira).
- LENHADOR - Fiquem perto do fogo e botem mais lenha que os bi  
chos não chegam perto.
- MÃE - Fiquem aí que nós vamos cortar lenha e depois vol  
tamos para buscar vocês. Se sentirem fome comam o  
pão.
- JOÃO - Vocês vão demorar?
- MÃE - Não. A gente não demora. (Os pais se afastam).
- MARIA - Tu já tinha vindo aqui com o pai?
- JOÃO - Não. Aqui nunca. Tô ouvindo um barulho. Será que é  
o pai?
- MARIA - Não sei.
- JOÃO - Pai! Pai! Pai! Acho que não é ele.
- MARIA - Eu tô com medo, João.
- JOÃO - Fica perto do goro, aí não tem perigo; o pai dis-  
se.
- MARIA - Será que eles vão voltar?
- JOÃO - Se eles não voltarem, a gente procura as pedrinhas.  
Eu tô com fome. Vamos comer?
- MARIA - Vamos.  
(Comem cada um o seu pedaço de pão).
- MARIA - Tô com sono.
- JOÃO - Então dorme, Maria, dorme.  
(Maria recosta em João e dorme. Este acaba adorme-  
cendo; quando acordam já é noite).
- MARIA - João, acorda João. Já é noite.
- JOÃO - Que foi Maria, não chora.
- MARIA - Tá escuro. O que é que a gente vai fazer agora?
- JOÃO - Não chora, sua boba. Nós esperamos a lua aparecer,  
procuramos as pedrinhas e achamos o caminho pra  
casa.
- MARIA - Então tá.
- JOÃO - Olha lá a lua.
- MARIA - Agora a gente pode voltar pra casa.
- JOÃO - Pode sim. Vamos procurar as pedrinhas. Aquí. Olha  
Maria. Lá tem outra!
- MARIA - Ali tem outra, João! Aquí! Olha, outra.
- JOÃO - Mais outra aquí. Eu acho que essa árvore eu conhe-  
ço.
- MARIA - Aquela pedra eu conheço. Eu já vim aqui com o pai.
- JOÃO - Maria, esse é o caminho da nossa casa.



- MARIA - Nós achamos, nós achamos.
- JOÃO - Olha lá!  
(Aproximam-se da casa. O pai está sentado fora a-  
fiando seu machado).
- MARIA - Vamos falar?
- JOÃO - Vamos.
- JOÃO/MARIA - Olá pai.  
(Pai olha-os em silêncio. A mãe aparece à porta)
- MÃE - Ué, nós pensamos que vocês não quizessem mais vol-  
tar pra casa, ficaram dormindo no mato. (Mãe en-  
tra e pai abraça os filhos).

## CANÇÃO DO TEMPO

Vinheta do tempo  
Passa-passa,  
o tempo passa,  
é gavião:  
passa noite,  
passa dia,  
vem farinha,  
vai o pão.

(Pai senta à direita e mãe à esquerda da mesa.  
Crianças brincam sobre a cama estendida no chão).

- LENHADOR - Voltou tudo ao que era antes.
- MÃE - Não tem farinha, verdura, nada. É só este pedaço  
de pão.
- LENHADOR - Como é que uma pessoa que trabalha duro como eu,  
não tem o que dar de comer para os filhos? Vão dor-  
mir crianças; tá na hora.
- MÃE - Precisamos tirar eles daqui.
- LENHADOR - Não. Desta vez eu não vou botar os meus filhos fo-  
ra.
- MÃE - Mas o que é que nós vamos dar pra eles comer?
- LENHADOR - E não adianta querer levar eles pra floresta.
- MÃE - Mas desta vez a gente leva eles bem mais longe, lá  
onde nem a gente foi; reparte este pedaço de pão,  
e eles ficam por lá.
- LENHADOR - Não; eu não vou fazer uma coisa dessa.
- MÃE - Tu tens o que dar de comer pra eles? Tens? E além  
disso, quem bota os filhos fora uma vez, bota duas.  
Se tu concordou na primeira vez... É a única ma-  
neira da gente não ver eles morrerem de fome.





(A mãe fecha a porta, apanha o lampião e dirige-se para o quarto. João e Maria tudo ouvem. Levantam-se).

- MARIA - Vamos procurar as pedrinhas?  
 JOÃO - Vamos. Psiu!  
 (Pé ante pé, dirigem-se para a porta. Tentam abri-la. Está trancada. Pânico).
- MARIA - Trancada! O que é que nós vamos fazer?  
 JOÃO - Não sei. Tem que ter um jeito.  
 (Forçam novamente a porta. Maria bate em algo e faz barulho. Silêncio).
- JOÃO - Não dá pra abrir. E sem as pedras nós não vamos voltar pra casa.
- MARIA - Eu vou gritar.  
 JOÃO - Não! Fica quieta. Vamos voltar pra cama. (Deitam-se). Dorme; amanhã nós achamos um jeito. A gente tem que achar.
- MARIA - Pode ser que a gente sonhe com um jeito de voltar.  
 JOÃO - É. Pode ser. Vamos dormir. Dorme. (Adormecem).
- MÃE - Crianças, acordem!  
 LENHADOR - Tá na hora.  
 JOÃO - Tá na hora do que, pai?  
 MÃE - Venham pegar o pão.  
 (Toda a cena é feita em silêncio. Saem e começa a caminhada. João vai esfarelado seu pedaço de pão e soltando os farelos pelo caminho).
- LENHADOR - Caminha, Joãozinho. O que é que tá olhando tanto pra trás?  
 JOÃO - Eu tô olhando o meu pombinho lá na chaminé; ele quer me dizer adeus.
- MÃE - Não Joãozinho; não é o teu pombinho. É a luz do sol batendo na chaminé. É a luz do sol.  
 (Chegam a uma clareira no fundo da floresta).
- MÃE - Acho que aqui tá bom.  
 LENHADOR - João, vai pegar uns gravetos para fazer fogo.  
 MÃE - Ajuda teu irmão, Maria.  
 (Pai prepara a fogueira).
- LENHADOR - Fiquem perto do fogo.  
 MÃE - Comam o pão e fiquem quietinhos. Depois a gente vem buscar vocês.  
 (Afastam-se).
- MARIA - Vamos comer?  
 JOÃO - Vamos. (Barulho).



- MARIA - Que é isso, João?  
 JOÃO - Não sei.  
 MARIA - Será que a gente vai achar o caminho de casa?  
 JOÃO - Acho que sim.  
 MARIA - E o que é que a gente vai fazer?  
 JOÃO - Vamos esperar.  
 MARIA - Mas o pai e a mãe não vão voltar.  
 JOÃO - Eu sei. Dorme, Maria. Dorme pro tempo passar.

## CANÇÃO DO ABANDONO

Eu queria pão de nuvem  
 coberto com pó de lua  
 que minha mãe vai trazer  
 lá do céu.

Medo grande,  
 fim do mundo  
 Não engole as crianças  
 antes do meu pai voltar.

Eu queria pão de trigo  
 salpicado de açúcar  
 que o meu pai vai trazer lá da terra.

Floresta grande,  
 noite escura  
 não engole as crianças  
 antes do sol raiar.

(Adormecem. Passa a noite).

- MARIA - Como está escuro, João. Não se enxerga nada. Como é que a gente vai achar o caminho de casa?  
 JOÃO - Deixa a lua sair que a gente acha. Olha lá, a lua vem vindo.  
 MARIA - Como ela é bonita, João.  
 JOÃO - Acho que já dá pra procurar.  
 MARIA - Eu tô com tanto medo, João, não larga a minha mão.  
 JOÃO - Não largo, não. Vem, fica bem perto de mim. Tá vendo alguma coisa, Maria?  
 MARIA - Não tô vendo nada. Eu acho que não foi por aqui que nós viemos; foi por ali.  
 JOÃO - Vamos por aqui. Não, também não é.  
 MARIA - Ali ó. Foi por ali! Olha lá João, o que é aquilo?  
 JOÃO - Não sei. E essa luz ali na frente?  
 MARIA - João! Olha que bonita! Mas eu tô ficando com medo.





- JOÃO - Pára, Maria. Vem por aqui. O que é aquilo?  
 MARIA - João! E o que que é isso alí? Oh!  
 JOÃO - Não sei, mas acho melhor a gente começar a andar.  
 MARIA - Ai, João! Eu não quero mais olhar!  
 JOÃO - Vem, Maria, não pára, vem! A gente tem que procurar o caminho.  
 MARIA - Eu acho que nós estamos perdidos.  
 JOÃO - Fica quieta.  
 MARIA - Nós estamos perdidos.  
 JOÃO - Pára, Maria.  
 MARIA - Nós estamos perdidos? Estemos perdidos.  
 JOÃO - É. A gente tá perdido sim. Vamos parar.  
 (Abraçam-se, fecham os olhos e ficam parados. Depois fãõ se abaixando devagarinho até deitarem-se no chão. Dormem. São acordados pelo canto de um lindo pássaro).  
 MARIA - Olha lá! Que bonito!  
 JOÃO - É mesmo, que bonito!  
 MARIA - Vamos atrás dele?  
 JOÃO - Vamos. Vamos pegar ele.  
 (As crianças acompanham o pássaro até encontrarem uma casa no meio da floresta).  
 MARIA - João! Tu tá vendo o que eu tô vendo?  
 JOÃO - Uma casa! Bem no meio da floresta!  
 MARIA - Que casa bonita, João! Toda colorida.  
 JOÃO - O passarinho foi lá prá trás dela.  
 MARIA - Vamos ver de perto! Ela é fofinha!  
 JOÃO - Hum é doce. Que bom. É doce, Maria.  
 MARIA - João! Que gostoso. E isso aqui. É chocolate! João, é chocolate!  
 JOÃO - E aqui é tudo de bolo, Maria. Que coisa boa.  
 MARIA - A vidracinha, João. A vidracinha é toda de açúcar!  
 JOÃO - A porta tem chocolate recheado com côco.  
 (Voz de dentro da casa):  
 - Crac, crac crinha, quem come da minha casinha?  
 MARIA - (Baixinho) Quem é?  
 JOÃO - Psiu. Vamos ficar quietinhos.  
 MARIA - Ai, João. Eu vou dar só mais uma lambida.  
 JOÃO - E eu vou comer só mais um pedacinho da porta.  
 VOZ - Crac, crac cinha, quem come da minha casinha?  
 JOÃO - É o vento!  
 MARIA - É o vento!  
 JOÃO - É o vento, o filho do céu!



(Recomeçam a comer da casinha, até que a porta se abre. Aparece uma velha muito velha).

- BRUXA - Que cheirinho gostoso de criança. Quem são vocês coisinhas lindas? Estão comendo a casinha da vovó?
- JOÃO - A senhora desculpa né, a gente tava com fome ...
- BRUXA - Ai, que lindinho! Pode comer sim, a vovó deixa vo<sup>cs</sup> comerem tudo que quiserem. Comam.
- MARIA - Mas a senhora não vai ficar braba?
- BRUXA - Braba eu? Claro que não, minha florzinha. Mas que coisinha mais macia. Como é o teu nome hem?
- MARIA - Maria. E ele é João.
- BRUXA - João! Ora mas que coisa mais queridinha esse João. Estou tão feliz por ver vocês. Moram aqui por perto?
- MARIA - Nós estamos perdi ...
- JOÃO - E, nós moramos lá do outro lado da floresta. A gente tava passeando e encontrou a sua casa.
- BRUXA - Ah! Vocês estavam passeando. Pois é, a floresta é tão linda, não é mesmo? (Ri). E porque vocês não comem mais um pouco da minha casinha? Podem comer. Comam! Eu fiz tudo isso para vocês.
- JOÃO - Ah é? A senhora fez pra nós?
- BRUXA - Fiz sim. Eu vivo tão sozinha. A minha única alegria é fazer doces para as crianças que me visi- tam de vez em quando. Sabem? Eu gosto tanto de cri- anças. Ai, como eu gosto.
- MARIA - E vem muita criança lhe visitar?
- BRUXA - É, vem. Vem sim. De vez em quando aparece alguma criança que vem passear na floresta e me visitar. (Ri).  
(A velha abre a porta e mostra o interior da casa para as crianças).
- BRUXA - Mas olhem aqui. Olhem só o que tem aqui para vo- cês.
- JOÃO - O que que é?
- BRUXA - Entre e verá.
- MARIA - Deixa eu dar uma espiadinha. João! Vem vê. Olha só aquela mesa lá dentro.
- JOÃO - Puxa! Quanta coisa boa! A senhora fez isso tudo pra gente?
- BRUXA - Claro que eu fiz isso tudo para vocês. En trem. En trem.  
(As crianças entram).





aqui! O forno, aqui! O balde para carregar água, aqui! (Ri). A vontade de comer criança assada, (bate na barriga) aqui! Ah Ah Ah Ah!

(Sai de cena para a floresta. Escurece. Luz de sol, canto de pássaros, bezouros, etc. É de manhã. Bruxa vem da floresta cantarolando e entra em casa).

- BRUXA - Uú! Uú! Acordem meus biscoitinhos, acordem. A vovó tem surpresas para vocês. Bom dia!
- JOÃO - Bom dia!
- MARIA - Bom dia, vovó!
- BRUXA - Então, dormiram bem?
- JOÃO - Muito bem.
- BRUXA - Ai, eu estou tão cansada. Preciso muito da ajuda de vocês.
- MARIA - Nós ajudamos a senhora sim, vovó, né João?
- JOÃO - Ajudamos sim. O que é que a senhora quer que eu faça?
- BRUXA - Ah, vem cá meu bombomzinho, ajuda a vovó a colher uns ovos para fazer um bolo para vocês comerem com café.
- MARIA - E eu, vovó, o que eu posso fazer pra senhora?
- BRUXA - Hum... Você, deixa eu ver. Você...
- MARIA - Vovó, eu estou aqui deste lado.
- BRUXA - Ah é mesmo. Como sou distraída, não é minha rapadurinha?
- MARIA - Vovó, os seus olhos. Eles são tão vermelhos. A senhora está doente?
- BRUXA - Que nada! É que eu fiquei tão emocionada com a visita de vocês, que cheguei a chorar um pouco. Mas foi só um pouquinho. A vovozinha está muito, mas muito contente com vocês e não vai perder tempo chorando. Vamos João, vem ajudar a colher os ovos no galinheiro. Maria vai até o poço e traz um pouco d'água.
- BRUXA - (No galinheiro). Tá vendo, João? Lá no fundo tem ovos. Tu vai lá e tráz eles pra mim.
- JOÃO - Onde vovó, eu não estou vendo nada.
- BRUXA - Lá no fundo. Entra que já vai ver.  
(João entra. A Bruxa fecha a porta rapidamente).
- BRUXA - AhAhAhAhAh! Consegui! Agora é só engordar o guri-zinho e terei um belo de um assado. Uuuu! Não vejo a hora de comer-te bem, bem torrãozinho meu lindo pernil. AhAhAhAh!



- JOÃO - Maria! Cuidado! Ela é uma bruxa. Ô, sua bruxa!
- MARIA - Ai, João. O que eu vou fazer (chora). João, não me deixa perto dela. Eu tenho medo. (Chora).
- BRUXA - Cala essa boca guri. Não adianta que daí tu não vais escapar. AhAhAhAhAh! E nem do meu forno. E tu Maria, cala essa boca. (Maria continua chorando). Cala essa boca! Mas que coisa mais enjoada essa menina. Vai já buscar água para fazer comida pro teu irmão. Quero que ele coma muito para ficar gordinho bem depressa. (Na grade para João): Vamos ver como está este gurizinho. Mostra o dedinho para ver se estás gordo ou magro. Vamos logo mostra o dedinho. (Maria começa a chorar mais alto ainda). Pára de chorar sua ranhenta. Vai já buscar água para fazer comida para o teu irmão. Vamos Joãozinho, mostra o dedinho. Tisc, tisc, tisc, mas que coisa mais magrinha. (Para Maria): Vamos lá menina, temos que fazer muita comida. Do jeito que esse menino está magro, vamos precisar muita comida para engordá-lo. (Entram em cast. Ouve-se a voz da bruxa dando ordens para Maria) A panela está ali; bota muita lenha no fogo e tragamais água. Vamos menina, anda depressa!
- MARIA - (Saindo porta a fora) Eu não vou fazer comida, sua bruxa feia.
- BRUXA - O que!!!
- MARIA - Eu disse que não vou fazer comida!
- BRUXA - Ah é? Pois se tu não fores já pra cozinha, eu vou te transformar numa lagartixa.
- MARIA - Ai! Não, não, não faz isso.
- JOÃO - Pára, pára sua bruxa. BRUUXA!!!
- BRUXA - Cala essa boca menino. Anda, Maria. Já pra cozinha. Vamos! Começa a fazer a comida que eu vou colher umas ervas na floresta e já volto. E nada de perder tempo. Vamos logo! (Sai).
- MARIA - (Sai da casa trazendo comida para o João). Ai João, essa bruxa é muito malvada. Como é que nós vamos sair daqui? Quando ela fica braba os olhos dela parecem que vão saltar na gente. Ui! Que medo!
- JOÃO - Nós temos que arranjar um jeito de fugir daqui, senão vamos acabar sendo comidos pela bruxa.
- MARIA - Ai João; eu tô morrendo de medo dela.
- JOÃO - A gente não pode deixar ela vê tá com medo. Se a





gente pensar que é forte, aí acaba ficando forte. Maria, faz força para não sentir medo, viu, que aí o medo vai embora.

- MARIA - Mas João, quem é que não tem medo daqueles olhos vermelhos e daquela boca que só sabe xingar? Ah, eu tenho medo sim.
- JOÃO - Já sei. Quando ela quizer ver o meu dedo, eu mostro esse ossinho, aí ela não vai saber que estou engordando.
- BRUXA - (Voltando da floresta) Que é que vocês estão fazendo? Cochichando de mim, não é? Vamos guriazinha, passa, já prá cozinha, antes que eu te transforme numa tartaruga. (Maria entra correndo para dentro de casa). E tu magricela, trata de engordar logo, senão eu te transformo num galho de espinho e ninguém vai querer se aproximar de tí. (Entra em casa).

(Num córrego perto da floresta, o lenhador e sua mulher conversam. Ela lava roupa e ele amarra um feixe de lenha)

- LENHADOR - Como será que eles estão? Já faz tanto tempo.
- MÃE - Eu também tenho pensado muito neles.
- LENHADOR - Outro dia eu fui procurar. Não encontrei nada.
- MÃE - Mas tu foi lá no lugar, na fogueira?
- LENHADOR - Fui, não tinha mais nada. Só espero que eles estejam bem.
- MÃE - Quando penso neles me dá um aperto.
- LENHADOR - A gente não devia levar eles pra floresta.
- MÃE - De qualquer jeito, aqui eles iam morrer de fome.
- LENHADOR - Mas isso não dá certo, mulher. Que diabo de mundo é este, que obriga a gente a botar os filhos fora como se fossem bichos. (Afastam-se e desaparecem por entre as árvores).

(Casa da Bruxa. João no galinheiro, Bruxa saindo de casa).

- BRUXA - Vamos ver, Joãozinho. Bota o dedinho para ver se já engordaste o suficiente. (João mostra o ossinho). Mas não é possível, escuta, guri, o que que tu faz da comida que tu comes, hem? Tu come, come e tá seco desse jeito! Maria! Ô Maria! (Maria responde de dentro da casa). Anda logo menina, vem



cá! Que mania; eu preciso chamar uma porção de vezes para ela atender. (Maria vem de dentro da casa). Sim senhora, hem? Olha, quando eu te chamar tu atende logo, senão eu te dou uns puxões de orelha, tá ouvindo? (Maria faz que sim sacudindo a cabeça. João ri). Escuta. O que é que tu anda dando pro teu irmão, vento? Ele não engorda nunca. Olha só, parece uma corda de viola. Eu não aguento mais esperar. Dá mais comida pra ele, vamos, teme xe, guria. Vai logo pra cozinha. (Pegando no braço de Maria). Tu anda comendo bastante não é? Vai ver que tu comes toda a comida e não dá pra ele. Sabe que tu não estás tão magrinha como eu pensava? (Apalpa Maria).

- MARIA - Me larga sua bruxa feiosa, olho de cobra.  
 JOÃO - Larga ela, sua bruxa nojenta!  
 BRUXA - Ah! É assim, é? Chega! Chega de jejum. Olha gurizinho, eu vou te comer assado agora mesmo. AhAhAh AhAhAh! AGORA! Maria, vai trazer água e prepara o forno. Anda logo sua molenga! Vai, vai!
- MARIA - João! O que é que nós vamos fazer?  
 JOÃO - Não faz, Maria. Não faz mais nada que ela mandar!  
 MARIA - (Para a bruxa) Não vou fazer mais nada, sua cara de charque!
- BRUXA - (Sapateando e gritando) Grrrrrrrrr! Eu não aguento mais! Olha, sua pestinha, se tu não fizeres o que eu mandar, eu vou te transformar numa lesma!
- MARIA - Não!  
 JOÃO - Pára, sua bruxa feia. Tu é feia, feia, FEIA!  
 BRUXA - Cala essa boca! Olha aqui, seu pirralho. Se me der mais um pio, eu te transformo num sapo. Tá ouvindo? AhAhAh! Eu sei que sou feia. Claro que eu sou medonha, AhAhAhAh! Mas eu posso transformar vo cês no que eu quizer, tá ouvindo seu cocozinho de mosca! E agora minha querida abobrinha, vai logo trazer água e mais lenha para o forno. (Maria chora e vai fazendo o que a bruxa manda. A bruxa pára perto do forno e chama Maria).
- BRUXA - Mariazinha, olha alí se o forno já está bem quentinho.
- MARIA - Pra ver se tá quentinho o que?  
 BRUXA - O forno. Vai alí e mete a cara para dentro do forno e vê se já está bem quentinho.





- MARIA - Mas eu não sei ver se o forno tá quente. Isso a minha mãe nunca me ensinou.
- BRUXA - Mas como? Uma menina desse tamanho e não sabe ver se o forno está quente?
- MARIA - E porque a senhora não me ensina então? Me mostra como é que se faz!
- BRUXA - Menina preguiçosa! É assim ó! (Abaixa-se e mete a cabeça pra dentro do forno. Maria corre e a empurra para dentro do forno. Ouve-se os gritos terríveis da bruxa que vai assando. Nesse momento, a porta do galinheiro se abre, a casa perde o seu colorido).
- MARIA - Estamos livres, João! Estamos livres. Conseguimos.
- JOÃO - Acabou o encanto. Conseguimos, conseguimos. (Abraçam-se, pulam, dançam).

#### CANÇÃO DA VITÓRIA

Quando a gente tá sozinho,  
 não se pode arrepiar:  
 tem que andar,  
 olhar pra dentro  
 e ver a força pra lutar.

O medo é uma pedrona  
 bem no meio do caminho.  
 Se andar com medo, a gente só  
 tropeça e cai, tropeça e cai,  
 tropeça e cai.

Por isso, chuta o medo  
 e fica livre para andar.  
 Vence a bruxa, vence a fome  
 e fica livre para amar.

- MARIA - João, lá dentro tem sacos de sementes em todos os cantos da casa.
- JOÃO - Sementes?
- MARIA - É sim. Sementes de tudo quanto é tipo.
- JOÃO - Vamos ver. (Entram em casa).
- MARIA - Olha só!
- JOÃO - Vamos pegar um pouco de semente e levar pra gente. (Apanham vários pequenos sacos de sementes e saem. Maria vem com sua boneca). Essas sementes são o nosso tesouro. Nós vamos espalhar as sementes por to



- da a parte, e tudo vai nascer.
- MARIA - A gente pode levar também pro pai e pra mãe.
- JOÃO - É, vamos embora, Maria, ainda temos muita coisa pe  
la frente.
- MARIA - Espera, João. (Ela olha demoradamente para a boneca  
ca, entra na casa e deixa a boneca lá). Vamos, Jo-  
ão, vamos caminhar. (Saem da casa da bruxa que vai  
se afastando. Chegam à beira de um rio).
- JOÃO - Vamos ter que parar, Maria. Não sei como é que va  
mos atravessar. É tão largo esse rio.
- MARIA - É mesmo. Olha lá, João. Tá vendo aquele patinho?
- JOÃO - Tô.
- MARIA - Eu vou pedir pra ele atravessar a gente pro outro  
lado. Patinho! Patinho! Olha aqui João e Maria que  
querem atravessar o grande rio. Vem patinho, vem  
nos levar para o outro lado.
- JOÃO - Ele vem vindo, Maria. Ele vai nos atravessar.
- MARIA - É, ele vai nos atravessar.
- JOÃO - Vamos, Maria.
- MARIA - Espera, João. A gente não vai poder ir junto.
- JOÃO - A gente tem que ir separado, não é?
- MARIA - É, é muito peso. O patinho não agüenta.
- JOÃO - Então tu vai primeiro. Depois eu vou.  
(Maria sobe nas costas do patinho e esse vai des-  
lizando até o outro lado. Volta logo a seguir e a  
panha João e leva-o também para o outro lado).
- MARIA - Obrigado patinho. Obrigado.
- JOÃO - Obrigado!
- MARIA - E agora, por onde é que nós vamos?
- JOÃO - Vamos seguir em frente. Agora nós já sabemos o ca-  
minho, não é?
- MARIA - É, agora nós sabemos. Olha João, estas árvores. Eu  
conheço isso.
- JOÃO - Olha, Maria. Estes campos eu também conheço.
- MARIA - Vamos João.
- JOÃO - Vamos Maria. Vamos indo.
- MARIA - João! Olha, lá é a nossa casa!
- JOÃO - Eu tô vendo, Maria. Eu tô vendo.

F I M

